

**O ARTIGO CIENTÍFICO DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA:  
ANÁLISE DOS TÍTULOS E DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA**

---

**EL ARTÍCULO CIENTÍFICO DE HISTORIA Y SOCIOLOGÍA: ANÁLISIS  
DE LOS TITULOS Y DE LA ORGANIZACIÓN RETÓRICA**

**Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB / cortesgr@gmail.com

**Resumo:**

O artigo científico (AC) se insere no sistema de gêneros (BAZERMAN, 2005) do domínio discursivo da ciência (MARCUSCHI, 2002). Com base na concepção sociorretórica de gêneros textuais, este estudo tem por objetivo investigar os padrões de organização retórica do artigo científico das disciplinas História e Sociologia, como também analisar os seus respectivos títulos, estabelecendo-se as relações com as peculiaridades culturais das respectivas comunidades disciplinares. O corpus foi constituído de uma amostra de 40 artigos científicos – 20 de História e 20 de Sociologia, coletados de 8 periódicos – 4 por disciplina – num recorte temporal de 5 anos (2003 a 2007). Os dados indicam variações disciplinares na construção do gênero AC de História e Sociologia, a partir dos próprios títulos. Essa variação se dá tanto entre os artigos das duas disciplinas, quanto em relação ao padrão IMRD (Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão), considerado canônico. Isto se deve às peculiaridades epistemológicas e culturais de cada comunidade disciplinar, visto que a construção do conhecimento, sendo uma ação social, não se dá de forma homogênea. O escritor acadêmico busca, portanto, adequar-se ao seu auditório, identificar-se com a cultura da sua disciplina e área científica, com vistas à obtenção

de credibilidade e aceitação em sua respectiva comunidade.

**Palavras-chave:** Artigo científico. Gêneros textuais. Organização retórica. História. Sociologia.

**Resumen:**

El artículo científico (AC) encaja en el sistema de género (BAZERMAN, 2005) del dominio discursivo de la ciencia (MARCUSCHI, 2002). Basado en el concepción sociorretórica de los géneros textuales, este estudio tiene como objetivo investigar los patrones de organización retórica del artículo científicos de las disciplinas Historia y Sociología, así como analizar sus respectivos títulos, y establecer las relaciones con las peculiaridades culturales de sus comunidades disciplinarias. El corpus se compone de una muestra de 40 artículos - 20 de Historia y 20 de Sociología recolectados de ocho revistas - 4 por disciplinas – en un período de cinco años (2003-2007). Los datos indican variaciones en la construcción disciplinaria del género AC de Historia y Sociología a partir de los propios títulos. Esa variación se produce entre los artículos de las dos disciplinas, así como en comparación con la norma IMRD (Introducción, Métodos, Resultados y Discusión), considerado canónico. Esto es debido a las peculiaridades epistemológicas y culturales de cada comunidad disciplinaria, visto que la construcción del conocimiento, siendo una acción social, no se produce homogéneamente. El escritor académico busca, por lo tanto, adaptarse a su público, identificarse con la cultura de su disciplina y el área científica, con miras a la obtención de credibilidad y aceptación en su respectiva comunidad.

**Palabras-clave:** Artículo científico; Géneros textuales; Organización retórica; Historia; Sociología.

## 1. Considerações Iniciais<sup>1</sup>

O artigo científico - considerado uma forma de agir, participar e construir o conhecimento científico sociorretoricamente – se insere no *sistema de gêneros* (BAZERMAN, 2005) do *domínio discursivo* da ciência (MARCUSCHI, 2002). Com base na concepção sociorretórica de gêneros textuais, este estudo teve por objetivo investigar os padrões de organização retórica do *artigo científico* das disciplinas *História* e *Sociologia*,

como também analisar os seus respectivos títulos, estabelecendo-se as relações com as peculiaridades culturais das respectivas comunidades disciplinares.

O *corpus* foi constituído de uma amostra de 40 artigos científicos<sup>II</sup> – 20 de História e 20 de Sociologia, coletados de 8 periódicos<sup>III</sup> – 4 por disciplina – num recorte temporal de 5 anos (2003 a 2007). O artigo da área de ciências humanas foi escolhido para essa pesquisa, tendo em vista que há uma lacuna nos estudos desse gênero nessa área científica.

A referência aos artigos, em nossa análise, se dará através das seguintes siglas: Artigos de História – 1 a 20 – [AH1] ... [AH20]. Da mesma forma, artigos de Sociologia - 1 a 20 – [AS1] ... [AS20].

## 2. O Gênero Artigo Científico – Ações Tipificadas para Atender Propósitos Sociorretóricos

Os gêneros textuais têm sido abordados sob diversas perspectivas teóricas, especialmente a partir da divulgação do ensaio bakhtiniano *O problema dos gêneros do discurso* (BAKHTIN, [1953] 2000), em que o autor apresenta a sua definição de *gêneros do discurso* como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, [1953] 2000, p.279).

Marcuschi (2002, p.25), tendo por base os pressupostos bakhtinianos, define gêneros como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”.

É também nesta perspectiva de gêneros como ações intrinsecamente ligadas aos processos sociais que se insere a abordagem sociorretórica - escola norte-americana, cujo marco teórico fundador encontra-se no artigo *Genre as social action*, de Miller (1984). A autora define *gêneros* como *ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes* (MILLER, 1984, p.159). O gênero, nessa visão, tem caráter de resposta retórica para uma demanda situacional, uma vez que as situações, segundo a pesquisadora, determinam a utilização de um determinado gênero como uma resposta a uma demanda ou exigência social do contexto e da circunstância. E isto significa agir retoricamente por meio dos gêneros. É, pois, neste contexto de relações sociorretóricas que se insere o *artigo científico* – doravante AC – um dos gêneros mais importantes do domínio discursivo da ciência, considerado o principal veículo de divulgação do conhecimento científico (HOLMES, 1997; HYLAND,

1999), além de exercer a função de inserir os novos pesquisadores às respectivas comunidades científicas.

Mas esse gênero nem sempre assumiu a forma relativamente estável que conhecemos hoje (BAZERMAN, 1988; SWALES, 1990). Bazerman (2005), ao refletir sobre o papel exercido pelas cartas na formação dos gêneros, afirma que o primeiro artigo científico surgiu a partir da correspondência de Henry Oldenburg, o primeiro editor do periódico *The Philosophical Transactions of the Royal Society*, em 1665. Assim, ao longo da sua história, o gênero passou por diversas transformações, em termos de organização retórica, extensão, características sintáticas e lexicais, formas de citação e inserção de notas, inserção de textos não-verbais, além de outras (BAZERMAN, 1988; SWALES, 1990; ALLEN, QIN E LANCASTER 1994). Essas transformações históricas evidenciam a plasticidade dos gêneros e as necessidades de atender a novas demandas sociais e a novas audiências.

Swales (1990) conceitua o AC (*Research Article*) como um texto escrito (embora possa conter elementos da linguagem não-verbal) com o uso limitado de palavras que se reportam a algumas investigações por um ou mais autores. Ao discorrer sobre a organização retórica do gênero AC, o autor apresenta a estrutura IMRD – *Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão* – modelo bastante empregado nos denominados *artigos experimentais*, principalmente das ciências exatas e naturais. No entanto, como veremos adiante, nem todas as comunidades científicas adotam rigidamente o modelo IMRD, considerado canônico. E o próprio Swales (1990) já nos alerta sobre a possibilidade de variação.

### 3. Estrutura Organizacional dos Artigos Científicos em História e Sociologia

A análise de gênero na perspectiva de ação social e retórica, postulada por Miller (1984, 1994) não privilegia o aspecto formal como o elemento mais relevante, mas isso não significa desprezar a análise da forma, uma vez que, para se chegar às ações sociais realizadas pelo gênero, temos que, primeiramente, reconhecer as suas regularidades (e diversidades) lingüísticas, suas características prototípicas. Desse modo, mostraremos a organização retórica do gênero artigo científico de História e Sociologia, começando com uma análise dos títulos dos textos.

#### 4. Análise de Títulos dos Artigos

A análise de títulos de textos acadêmicos na perspectiva dos gêneros, apesar da sua relevância, é ainda uma atividade pouco explorada (SOLER, 2007). Para Swales (1990), a escolha dos títulos dos artigos são decisões importantes, que podem influenciar a decisão posterior sobre a sua leitura. O título do trabalho científico tem a função de descrever sucintamente o seu conteúdo, além de ajudar o leitor na exploração do estudo, por fornecer-lhe o tópico (SOLER, 2007).

Haggan (2004) considera os títulos como textos em miniaturas. Segundo a autora, eles podem compartilhar funções pragmáticas e oferecer uma introdução inicial para atrair a atenção do leitor, por meio de uma informação que pode até surpreendê-lo. Assim, a escrita de títulos é um exercício desafiante que requer algumas habilidades dos autores a fim de empregá-los adequadamente.

Para o nosso estudo, adaptamos alguns procedimentos metodológicos utilizados por Haggan (2004) e Soler (2007). Vamos abordar apenas dois aspectos dos títulos dos artigos científicos: 1. extensão; 2. construções estruturais.

#### 5. Extensão dos Títulos dos Artigos Científicos

Conforme podemos visualizar na **Tabela 1**, os nossos dados mostram que os títulos dos artigos de *História* são maiores que os de *Sociologia*.

**Tabela 1** – Extensão dos títulos de artigos científicos em História e Sociologia

Disciplina	Nº de Artigos/Títulos	Nº Total de Palavras dos Títulos	Média Palavras/Título
História	20	256	12,8
Sociologia	20	211	10,55

Os dados indicam uma extensão relativamente curta dos títulos dos artigos de História e de Sociologia, ao compará-los com os títulos dos AC's das disciplinas das ciências "duras". Encontramos respaldo para essa afirmação nos resultados do estudo de Soler (2007), segundo o qual os títulos dos artigos dessa área científica apresentam uma média de **15,33** palavras, em *Biologia*; **15,48** em *Medicina*; e **14,15** em *Bioquímica*.

A extensão média de palavras que encontramos nos títulos dos artigos de *Sociologia* - **10,55** - parece aproximar-se mais da média encontrada por Haggan (2004) para os títulos dos artigos de Literatura, ou seja, **9,4** palavras, enquanto que a extensão média dos títulos dos artigos de História se aproxima bastante da média encontrada para os títulos dos artigos de *Antropologia*, ou seja, média de **12,06** palavras. Entretanto, mesmo havendo constatado tais semelhanças, devemos sempre considerar que os artigos analisados por Haggan e Soler foram escritos em língua inglesa.

Um título bem construído não precisa ser longo, uma vez que os títulos têm a função pragmática de informar e informar rapidamente e assim, atrair a atenção de outros cientistas para aquele trabalho. Se o acadêmico falhar nisso, seu trabalho pode cair no esquecimento (HAGGAN, 2004, p.296).

Assim, a extensão média dos títulos dos artigos de História e Sociologia parece seguir uma tendência para esse gênero nas ciências humanas. As variações na *extensão dos títulos* dos artigos podem ser explicadas pela natureza epistêmica das disciplinas. Os artigos das ciências naturais e exatas procuram explicitar verdades precisas, e, por isso, seus títulos são mais prolixos, pois trazem uma preocupação em apresentar os achados experimentais.

A seguir, veremos a construção estrutural dos títulos dos AC's nas duas disciplinas.

## 6. Construção Estrutural dos Títulos de Artigos Científicos

Para identificar a construção estrutural dos títulos, adaptamos a classificação usada por Haggan (2004) e Soler (2007), a) **Construção frase nominal simples (FNS)** - (*nominal-group construction*, em Soler (2007, p.94); (*independent noun phrase*, em Haggan, 2004, p.309); b) **Construção com frase verbal<sup>IV</sup> (FV)** - (*full-sentence construction*, Haggan, 2004, p.295; Soler, 2007, p.94); c) **Construção frase nominal composta<sup>V</sup> (FNC)** (*compound construction*, Haggan, 2004, p.301; Soler, 2007, p. 94).

**Tabela 2** – Construção estrutural dos títulos de AC's de História e Sociologia

TÍTULOS/ESTRUTURA	HISTÓRIA		SOCIOLOGIA	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Frase Nominal Simples	4	20	9	45
Frase Nominal Composta	14	70	11	55
Frase Verbal	2	10	0	-

Como se pode verificar, a construção estrutural que prevalece na escrita dos títulos dos artigos analisados é a de *frase nominal composta*. Nesta modalidade, o título é composto por duas frases nominais justapostas, separadas por dois pontos (mais usual), ou outro sinal de pontuação. Normalmente, a primeira frase nominal indica um tópico geral, seguido por uma frase maior que o especifica. Para exemplificar a ocorrência de títulos com *frases nominais compostas*, vejamos alguns exemplos do nosso *corpus*:

### **História**

- (1) *Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849.* [AH6]
- (2) *Incultura e criminalidade: estereótipos sobre a educação da criança, do jovem e do camponês no século XIX.* [AH3]

### **Sociologia**

- (3) *A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio.* [AS11]
- (4) *Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil.* [AS19]

Percebemos que os títulos de *frase nominal composta* (FNC) apresentam muitas semelhanças nas duas disciplinas. O que prevalece é uma frase com um tópico mais geral, seguida de outra frase especificando a primeira.

Todavia, em se tratando de conteúdo, os títulos já nos fornecem algumas pistas semânticas que podem assinalar traços diferenciados de características da investigação científica nas duas disciplinas. Como afirma Haggan (2004), os títulos encapsulam alguns traços de peculiaridades disciplinares na apresentação do conhecimento. Isto pode ser verificado, por exemplo, em alguns títulos dos artigos de *História*, em que aparecem frequentemente referências a *datas, períodos de tempo*, ou ainda termos específicos que nos ajudam a inferir que os textos irão tratar de um fato histórico, cuja análise frequentemente se dá pela narrativa.

É importante ressaltar que a estrutura FNC parece ser uma característica predominante no gênero artigo científico das ciências sociais e humanas. Além dos dados da nossa pesquisa, isto também se evidencia na análise de Haggan (2004, p.301), que encontrou um índice de 60,8% nos títulos de construção nominal composta (*compound construction*) em artigos de *Literatura*, e somente 21,5% dessa construção de títulos em artigos de disciplinas das ciências

duras. O estudo de Soler (2007) também aponta um índice considerável (41%) de ocorrências de títulos de construção composta em *Antropologia*.

Em nosso estudo, também encontramos alguns títulos compostos em que a primeira frase é uma citação, como também a presença de verbo nominalizado, fato também já constatado por Haggan (2004) em títulos de artigos de *Literatura*. Apresentamos, a seguir alguns exemplos, encontrados apenas nos artigos de **História**:

a) **Verbo nominalizado:**

(5) *Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)*. [AH5]

b) **Formas aspeadas:**

(6) *“Navalha não corta seda”*: Estética e performance no vestuário do malandro. [AH19]

(7) *“Hoje preciso refletir um pouco”*: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda 1971/1978. [AH1].

Os exemplos (6) e (7) se constituem como as únicas ocorrências de *frases verbais* encontradas em nosso *corpus* (Tabelas 2). Porém, cabe-nos ressaltar que a presença verbal nas duas ocorrências dos títulos dos artigos de História não expressa ações propriamente ditas, relacionadas ao processo de pesquisa, antes são citações de frases relacionadas ao acervo das próprias fontes documentais que serão estudadas, algumas das quais já integram o repertório cultural da comunidade leitora. Trata-se de um convite, uma instigação ao leitor. Observamos que os verbos usados nas expressões “*preciso refletir*”, e “*não corta seda*” não se referem propriamente às ações verbais, mas ilustram o que será dito no segundo elemento do título, são estratégias criativas empregada para causar impacto ao leitor e conduzi-lo à leitura completa do artigo.

Com base nos dados desta pesquisa, podemos afirmar que a estrutura de títulos com frases verbais não é um traço de regularidade no gênero AC de História e Sociologia. Por outro lado, conforme aponta a Tabelas 2, a construção estrutural *frase nominal simples* (FNS) registrou uma frequência maior em Sociologia, com um percentual de **45%**, um número

bastante expressivo, ao ser comparado com a ocorrência dessa construção em História, apenas 20%. Abaixo, mostramos alguns exemplos:

### **História**

(8) *Método, raça e identidade nacional em Sívio Romero*. [AH12]

(9) *Narrativas fotográficas sobre a cidade*. [AH10]

### **Sociologia**

(10) *As ciências sociais e o inglês*. [AS2]

(11) *Coalizões eleitorais e ajuste fiscal nos Estados brasileiros*. [AS5]

Não obstante a estrutura *frase nominal composta* tenha predominado no conjunto total dos títulos dos artigos das duas disciplinas, os títulos de artigos de *Sociologia* apresentam um elevado índice da estrutura *frase nominal simples* (45%). Essa construção de títulos, segundo alguns pesquisadores do tema, parece ser um traço mais característico dos artigos das ciências naturais e exatas (HAGGAN, 2004; SOLER, 2007).

Quanto à construção de títulos com pergunta, não foi encontrada em nosso estudo. Essa modalidade de títulos, normalmente registra uma frequência baixa nos gêneros acadêmicos (HAGGAN, 2004). Os dados da nossa pesquisa indicam, portanto, o predomínio da estrutura *frase nominal composta* na construção dos títulos dos artigos de História (70%) e Sociologia (55%) (cf. Tabelas 2). As variações encontradas na extensão e na construção dos títulos dos artigos parecem estar relacionadas às especificidades das funções comunicativas do gênero AC nas respectivas disciplinas.

Acreditamos que algumas observações feitas por Haggan (2004) sobre os títulos dos artigos de literatura são igualmente válidas para as ciências sociais em geral, tanto na estruturação dos títulos (prevalência da forma composta), como também na exploração de alguns recursos variados para chamar a atenção do leitor, visto que, assim como ocorre na literatura, nas disciplinas de História e Sociologia, também não há relato de dados experimentais. Assim, a escrita desses artigos, a partir dos seus títulos, reflete a natureza do respectivo processo de pesquisa e especificidades da cultura disciplinar.

## 7. Organização Retórica dos Artigos Científicos em História e Sociologia

Como já salientamos, antes de chegar à forma relativamente estável conhecida hoje, o gênero artigo científico sofreu diversas transformações em diferenciados aspectos. Segundo Kuo (1999), após o século XIX, os achados e as teorias passaram, gradativamente, a receber maior destaque do que a função do pesquisador enquanto agente da investigação científica, e a descrição e a narração cederam lugar à explanação e à análise. Para o autor, essa tendência resultou em mudanças textuais do gênero, inclusive dando origem à divisão do artigo em seções (KUO, 1999). Por essa razão, temos hoje, o padrão IMRD - *Introdução, Métodos, Resultados e Discussão* (SWALES, 1990) - modelo organizacional considerado canônico no meio científico.

Conforme pontua Burrough-Boenisch (1999), a escrita do AC na estrutura IMRD, especialmente dos artigos denominados *experimentais*, é uma exigência de alguns periódicos. Trata-se, portanto, de convenções requeridas por algumas comunidades científicas às quais os autores devem se adequar para serem aceitos. Todavia, o autor sugere que não há um consenso sobre a padronização da estrutura IMRD nos artigos: alguns cientistas alegam que essa estrutura padroniza a apresentação das informações e facilita a localização de uma informação particular, enquanto outros defendem que o padrão IMRD força o pesquisador a escrever e pensar num paradigma que não reflete o verdadeiro processo de investigação científica.

Em nossa análise, não encontramos ocorrências da estrutura IMRD na distribuição das seções retóricas dos artigos, nas duas disciplinas. A seção de *Introdução* aparece claramente identificada em 05 artigos de História (25%) e 12 artigos de Sociologia (60%); Não houve ocorrências, claramente marcadas, das seções de *Metodologia, Resultados e Discussão* em todo o *corpus*. Já a seção de *Conclusão* aparece identificada em 06 artigos de História (30%) e em 07 artigos de Sociologia (35%). Entretanto, nos artigos das duas disciplinas há ocorrências de outras subdivisões internas, por meio de subtítulos alusivos aos temas discutidos nos textos. Encontramos também a existência de artigos com total ausência de divisões internas, isto é, os textos aparecem em bloco. Essa ocorrência aparece mais acentuada nos artigos de História, com 40% dos casos (08 artigos), enquanto que, em Sociologia a ocorrência é de 20% (04 artigos).

É necessário, porém, salientar que, embora algumas seções retóricas da estrutura *IMRD* não estejam identificadas explicitamente nos artigos, elas podem aparecer diluídas nos textos.

Conforme podemos verificar, a organização estrutural dos artigos de História e Sociologia apresenta algumas semelhanças, como também algumas variações. Há semelhanças, por exemplo, na ausência total das seções de *Metodologia*, *Resultados* e *Discussão*, identificadas explicitamente, nas duas disciplinas; ademais, parte dos artigos das duas disciplinas apresenta as seções de *Introdução* e de *Conclusão*, além de outros *subtítulos*, na estrutura interna.

Mas há também algumas características que indicam variações no padrão estrutural das seções retóricas do gênero AC nessas disciplinas. A presença da seção de *Introdução*, por exemplo, parece ser um traço bem mais forte nos artigos de Sociologia, com uma menor frequência nos AC's de História. Por outro lado, os dados indicam uma frequência relativamente equilibrada da seção de *Conclusão*, explicitamente delimitada, nos artigos das duas disciplinas.

A presença dos subtítulos na estrutura textual dos artigos pode ser relevante para caracterizar a macroestrutura desse gênero em ciências humanas, é um recurso que permite melhor distribuir e organizar as informações do conteúdo em subtópicos. Essa estrutura apresenta uma ocorrência bastante significativa tanto em Sociologia (70%), quanto em História (60%).

Os dados deste estudo, pelo menos em parte, parecem corroborar com os achados de Holmes (1997), que encontrou variações no padrão de organização retórica do artigo científico de ciências sociais, ao compará-lo com o padrão do artigo das ciências naturais. Em seu estudo, o autor encontrou semelhanças e diferenças no padrão organizacional dos ACs de História e Sociologia. Nas palavras do autor:

Parece seguro dizer que existe uma seqüência padrão de organização para ACs em ciência política e em sociologia e talvez, também para outras disciplinas sociais, consistindo, assim, em Introdução-Contextualização-Métodos-Resultados-Discussão,... A presença de extensivas sessões de contextualização pode ser considerado um traço distintivo de artigos das ciências sociais em oposição ao ACs das ciências naturais, e talvez reflita uma ausência de uma estrutura teórica comum, o que Bazerman (1988:35) chama “uma literatura codificada fixa”. Para os artigos de história, entretanto, a estrutura preferida é Introdução – uma sessão com argumento central ou narrativas, que por conveniência pode ser referida como Resultados/Discussão ou Conclusão... A diferença existente nos textos de história, possivelmente, está relacionada ao fato de que a disciplina está mais preocupada em fornecer dados de eventos discretos, do que com o descobrimento de padrões generalizáveis. (HOLMES, 1997:327-328).<sup>VI</sup>

A pesquisa de Holmes (1997, p.328) constatou a ausência da seção de *Metodologia* na maioria dos artigos de História. Para o autor, tal fato se justifica pela natureza específica dos dados de História: “A ausência de uma seção de Métodos na maioria dos textos de história é com toda a probabilidade uma conseqüência da natureza dos dados históricos, que podem ser seletivamente ignorados ou enfatizados ...”<sup>VII</sup>. Do conjunto total de artigos analisados, ele sugere que os artigos de História são os que apresentam um padrão mais diferenciado, ao estabelecer a comparação com os artigos das ciências naturais.

Conforme já assinalado, nós também não encontramos a seção de *Métodos* identificada na organização retórica dos artigos de História e de Sociologia, mas a metodologia do estudo, em alguns artigos, está explicitada na parte introdutória dos textos, inclusive nos AC’s de História, como veremos em alguns exemplos, a seguir:

(12) *Interessamo-nos em nossa pesquisa, que visa analisar em detalhes o pensamento político do autor no contexto da retórica... Procedemos pela análise pelo modo como Cícero, usando uma forma de argumentação em discursos específicos, a complexio, movia sua audiência ...* [AH18]

(13) *Neste artigo, trato da escrita de biografias pela primeira geração de sócios do IHGB, propondo algumas reflexões acerca dos usos do gênero biográfico e as suas relações com a operação historiográfica no âmbito dessa instituição durante o século XIX. A idéia é estudar as biografias como um corpus de textos publicados no espaço da Revista...* [AH5]

Os dados do nosso estudo também indicam variações no padrão organizacional dos artigos, tanto em História quanto em Sociologia, ao compará-los com o modelo IMRD. Entretanto - ratificando o que foi constatado na pesquisa de Holmes (1997) - em História esse gênero parece apresentar um distanciamento ainda maior do padrão canônico, pois, como já salientado, quase a metade dos artigos de História (40%) apresentam um formato sem divisão clara das seções, além da menor frequência da seção de Introdução, apenas 25%.

Essas variações podem estar relacionadas com aspectos epistemológicos de cada disciplina. Conforme sinaliza Burrough-Boenisch (1999), a construção IMRD não é imutável e o formato do artigo parece refletir a epistemologia específica de cada área científica. Percebemos que os artigos de História apresentam características mais diferenciadas: os dados são mais biográficos, documentais, a estrutura é eminentemente narrativa, conforme já

observado por Holmes (1997). Não há, pois, como encaixar textos de natureza científica tão peculiar ao padrão da estrutura *IMRD*. Nos artigos de História, a *Introdução*, por exemplo, embora não identificada explicitamente, às vezes se dá por meio de uma epígrafe, uma citação. Para ilustrar, vejamos como se inicia o artigo intitulado *Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-42)*, Mauad (2005), da *Revista Brasileira de História* [AH8]:

(14)

Genevieve Naylor, fotógrafa:  
Impressões de viagem  
(Brasil, 1941-1942)<sup>1</sup>

Ana Maria Mauad<sup>2</sup>  
UFF

Ana Maria Mauad

*Life* é a única revista que eu conheço que distrai pela falta de assunto. A gente passa aquilo como criança passa livro de figuras, constatando rapidamente a aparição de uma curiosidade ou outra: 'totó', 'neném', 'fon-fon', e assim por diante.

Mas é impossível resistir-lhe à fotografia. Quem por acaso, já teve ocasião de conhecer algum fotógrafo de *Life*, sabe perfeitamente disso. São criaturas de conto de fadas, capazes de lambuzar de caramelo toda uma 'panzerdivisionem', verdadeiros gênios do instantâneo, sabedores de todas as infantilidades da alma grande. Eu já conheci dois, sendo que em ambos senti esse mesmo adejamento endiabrado, uma mesma alegria de vaga-lume que vai queimando as suas lâmpadas sobre as coisas surpreendidas. Um deles é uma americanazinha adorável que se acha aqui no Rio. Genevieve se chama, mulher desse grande Micha que conquistou a nossa pequena cidade artística com a sua simpatia e sua sensibilidade plástica.

Genevieve parece ter saído de uma história de Robin-Hood, com seu arzinho de jovem pajem, sua elegância bem colorida, uma pena sempre atrevidamente espetada no chapéu. Nada escapa, no entanto, à maquinazinha dessa enfeitada. Perto dela não há momento fotográfico que passe sem cair naquela arapuca bem armada. Genevieve dá um pulinho — e a vida ali ficou batendo asa na sua chapa impressionada.

Vinicius de Moraes,  
"A Última Catedral",  
A manhã, Rio de Janeiro, 19.10.1941

O fascínio do então cronista e crítico de cinema, Vinicius de Moraes, pelas imagens sensíveis de Genevieve Naylor, revelam a presença ambígua e sempre marcante dos Estados Unidos no Brasil, e por extensão na América Latina, como um todo. As imagens visuais — fotográficas, cinematográficas e publicitárias — sedimentaram a ponte pela qual a aproximação cultural entre as Américas se realizou.<sup>3</sup>

Mas, o que está em jogo na elaboração da chave de leitura histórica para se compreender as fotografias produzidas no Brasil por Genevieve Naylor, durante sua permanência entre 1940-1942, como funcionária do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (CIAA)? Por um lado, no contexto da Política da Boa Vizinhança o crescente interesse de intelectuais e artistas nor-

Logicamente, embora com estrutura diferenciada, há uma organização textual coerente nesses artigos. Em outro artigo de História – da Revista *Tempo*, da Universidade Federal Fluminense, encontramos também uma maneira bastante peculiar de realizar a introdução do texto:

(15)

**“Navalha não corta seda”:  
Estética e Performance no  
Vestuário do Malandro\* \*\***

Gilmar Rocha\*\*\*

Com que Roupa?  
Eu hoje estou pulando como sapo  
Pra ver se escapo  
Dessa praga de urubu.  
Já estou coberto de farrapo,  
Eu vou acabar ficando nu:  
Meu paletó virou estopa  
E já nem sei mais com que roupa?  
Com que roupa eu vou  
Pro samba que você me convidou?!

Noel Rosa é conhecido pela ironia de suas composições. Além da habilidade com a linguagem, o compositor era extremamente sensível aos temas do cotidiano, como os relacionados à dureza, ao vestuário, ao samba, à malandragem. Esta estrofe, de *Com que Roupa?*, samba de 1933, reúne todas estas coisas: ironia, dureza, vestuário e malandragem, ilustradas no encarte

Neste artigo, o trecho do *samba* de Noel Rosa é utilizado para introdução, conforme o próprio autor ressalta.

Por outro lado, nos artigos de Sociologia é mais comum encontrarmos uma *Introdução* mais diferenciada, Vejamos alguns exemplos:

(16) Revista *Sociologias* [AS15]:

**Trajatórias e biografias:  
notas para uma análise  
bourdieusiana**

MIGUEL ÂNGELO MONTAGNER\*

Introdução

**O**largo emprego nas atuais ciências sociais, de fontes primárias de dados ligadas às subjetividades individuais, ao mundo real e concreto das relações humanas, sobretudo aquelas expressas em materiais biográficos ou autobiográficos, têm redobrado o interesse dos pesquisadores por teorias e metodologias que lidem com esse tipo de fonte e que promovam uma sustentação teórica consistente no tratamento destas informações.

O objetivo deste artigo é esboçar uma proposta definida de estudo de trajetórias individuais e de grupo, a partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu e salientada por seu grupo de colaboradores, levando-se em conta o aparecimento, em suas obras, desse tipo de trabalho empírico, ligado a estudo de materiais biográficos e seus corolários teóricos. Se conseguirmos delinear

Temos aqui um exemplo de AC com indicação clara da seção de *Introdução*, e, conforme podemos conferir, no segundo parágrafo, o escritor apresenta, de modo bem explícito, o *objetivo*, a *metodologia* e o *referencial teórico* do estudo.

Um outro exemplo pode ser encontrado na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – [AS3]

(17)

### HISTÓRIA DOS CONCEITOS E TEORIA POLÍTICA E SOCIAL: referências preliminares\*

Marcelo Gantus Jasmin

O presente artigo discute, de forma sucinta, algumas das principais questões em torno das quais vem se dando o debate acerca do fazer história do pensamento político e social nas últimas três décadas. Importa esclarecer, comparando, limites e possibilidades teóricas e metodológicas das duas vertentes mais produtivas no campo hoje: o contextualismo lingüístico de Quentin Skinner e a história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*) desenvolvida por Reinhart Koselleck. Pretende-se, com isso, organizar minimamente a pauta de questões em discussão.

\* Este trabalho é parte do projeto “Contextualismo lingüístico e história conceitual: o debate teórico-metodológico contemporâneo sobre a história da teoria política” e teve apoio do CNPq.

Artigo recebido em novembro/2004  
Aprovado em janeiro/2005

#### I

O debate acerca do que seriam as formas válidas da história do pensamento para o âmbito da teoria política e social ganhou enorme impulso com a publicação, em 1969, na revista *History and Theory*, do ensaio metodológico de Quentin Skinner, intitulado “Meaning and understanding in the history of ideas”. Neste ensaio, que ampliava argumentos inicialmente expostos por Dunn (1972) e por Pocock (1969) na esteira das pesquisas de Peter Laslett (1965), Skinner endereçou uma crítica violenta contra várias tradições da história das idéias políticas, acusando-as principalmente de incorrerem no erro comum do *anacronismo*, ou seja, de imputarem a autores e obras intenções e significados que jamais tiveram, nem poderiam ter tido, em seus contextos originais de produção. O resultado básico dessas histórias criticadas seria a produção de um conjunto de *mitologias* históricas

RBCS Vol. 20 n.º 57 fevereiro/2005

O artigo acima, embora seja um dos poucos de Sociologia sem identificação clara das seções retóricas, apresenta uma *introdução* mais próxima daquela normalmente encontrada no gênero AC de outras disciplinas: apresenta o tema da análise, o objetivo e metodologia do estudo, além de fazer referências teóricas. Não se trata do Resumo do artigo, pois, neste periódico, os resumos ficam na parte final do texto.

A *Introdução* do artigo de Sociologia parece aproximar-se mais do modelo *CARS*<sup>VIII</sup> postulado por Swales (1990), enquanto que a *Introdução* dos artigos de História tende ao

afastamento desse padrão. Aliás, Ozturk (2007), que também encontrou variação na estrutura do artigo científico, pontua que a seção de *Introdução* do AC de ciências sociais desvia-se marcadamente do modelo *CARS* apresentado por Swales (1990), fato também já observado por Holmes (1997).

Assim, os artigos de Sociologia também apresentam algumas características mais peculiares. Embora não sigam o rigor do padrão *IMRD*, apresentam, como vimos, uma maior frequência na identificação declarada da *Introdução* e *Conclusão*, como também mais subtítulos na divisão interna dos textos. Nos ACs de Sociologia, também não encontramos relatos de dados experimentais, no sentido estrito do termo, mas os artigos apresentam muitos dados estatísticos, portanto, mais tabelas e gráficos, dados mais quantitativos do que os encontrados nos artigos de História.

Os dados indicam, portanto, claras variações na organização retórica do artigo. Essa variação se dá tanto entre os AC's de História e Sociologia, quanto em relação ao padrão canônico *IMRD*. Com essa observação, não estamos negando a existência, nos artigos, de uma introdução, dos métodos, resultados e discussão dos dados, mas essas atividades não se organizam da mesma forma, na mesma ordem e não seguem o mesmo rigor do padrão *IMRD*, mais comum nos artigos denominados *experimentais*, porque, como já mencionado, os próprios dados das ciências humanas e sociais são distintos. Devemos lembrar que o próprio Swales (1990, p.136,170) já adverte quanto à existência de variações linguísticas e retóricas na distribuição das quatro seções consideradas padrão para o artigo científico.

Sabemos que o caráter heterogêneo da linguagem e dos gêneros é uma realidade que não pode ser subestimada. Todavia, conforme já salientado por Moraes (2005, p.71), a maioria das observações e resultados de pesquisas sobre as diferentes seções do artigo científico “são reflexões feitas a partir da língua inglesa, podendo, portanto, haver variações em relação à língua portuguesa e às diferentes áreas de conhecimento”. Esta é uma observação relevante, tendo em vista que a grande maioria das pesquisas voltadas para esse gênero se baseia em textos escritos em inglês, até mesmo estudos realizados por pesquisadores brasileiros.

Entretanto, parece haver uma tentativa de padronização homogênea para o formato do gênero AC, o que reflete uma visão da pesquisa científica como uma atividade desvinculada das práticas sociais. Varttala (2001, p.64) faz o seguinte pronunciamento sobre o padrão *IMRD* para os artigos científicos: “essas quatro seções podem ser vistas como um reflexo de um procedimento de pesquisa idealizado”.<sup>IX</sup> Segundo o autor, o modo pelo qual o trabalho

científico é relatado na literatura é, frequentemente, distanciado do que verdadeiramente acontece no processo da pesquisa. Ele assinala que:

Os AC's parecem seguir o processo científico ideal, com a máxima precisão possível, de modo que, teoricamente, seja possível seguir o raciocínio dos cientistas ao longo do processo de pesquisa, o que também implica que o formato dos ACs permitiria, no futuro, que outro estudioso repetisse a pesquisa reportada. (VARTTALA, 2001, p.65).<sup>x</sup>

O autor considera essa postura como uma presunção. De fato, as convenções são negociadas nas comunidades científicas. Analisando a *Missão* e a seção de *Normas de publicação* dos periódicos dos quais coletamos os artigos de História e Sociologia, não encontramos qualquer orientação quanto à necessidade de se seguir um padrão no formato estrutural dos artigos. Mas os membros dessas comunidades disciplinares normalmente já são familiarizados com os padrões convencionais do gênero, e, ao mesmo tempo, são eles mesmos que ousam “transgredi-las”, graças à plasticidade dos gêneros, cujas características são “relativamente” estáveis, como já defendia Bakhtin (2000). É, portanto, nas interações da comunidade, nas situações retóricas recorrentes (MILLER, 1984) que os gêneros vão se delineando, de modo heterogêneo, nos aspectos formais, contextuais e comunicativos. Conceber o artigo científico apenas no formato IMRD significa tentar encapsular o gênero em uma única forma, e essa visão não contempla as variações disciplinares dos gêneros. Vejamos, mais uma vez, o que observa Varttala (2001, p.66) sobre esta questão:

Porém, o que parece mais problemático para mim, ao descrever AC's conforme os padrões IMRD, é que este modelo não dá suficiente atenção à variação entre as diferentes disciplinas científicas, ainda que a existência de tal variação tenha sido sugerida em vários níveis da descrição lingüística. A mim, parece que a presunção de uma homogeneidade genérica em que um certo grau de heterogeneidade provavelmente prevaleça, pode também ser um fator contribuinte para o baixo número de estudos (veja Holmes, 1997, p.322) que trata da variação disciplinar na estrutura do discurso do AC.<sup>x1</sup>

Assim, a força das convenções na escrita acadêmica se associa estreitamente às práticas das comunidades, como afirma Bazerman (2007, p.41): “cada comunidade letrada faz algumas coisas de certo jeito”. É nas relações das comunidades, que os gêneros e as práticas convencionais, são configurados, estabelecidos, e negociados.

Os nossos dados, portanto, indicam variações disciplinares na construção do gênero artigo científico de *História* e *Sociologia* a partir dos próprios títulos. Tal fato apresenta uma perfeita consonância com a concepção de gênero adotada nos pressupostos teóricos deste estudo. Nossos dados confirmam que cada comunidade disciplinar apresenta características

próprias na construção do seu sistema de gêneros, de acordo à natureza do conhecimento e às especificidades epistemológicas daquela disciplina. Além disso, as variações são necessárias porque as audiências e as situações retóricas também variam. E é justamente a situação retórica que dá origem às ações retóricas materializadas em nossos textos. O escritor acadêmico busca, portanto, adequar-se ao seu auditório, identificar-se com a cultura da sua disciplina e área científica, com vistas à obtenção de credibilidade e aceitação na comunidade.

## NOTAS

---

<sup>I</sup> Este artigo se constitui em uma versão modificada do segundo capítulo da nossa Dissertação de Mestrado em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Judith C. Hoffnagel, PPGLetras – UFPE – 2009.

<sup>II</sup> Foram adotados os seguintes critérios para a seleção dos artigos: ser o primeiro artigo publicado do respectivo ano, serem escritos originariamente em português.

<sup>III</sup> Veja a relação dos artigos e respectivos periódicos no anexo deste artigo.

<sup>IV</sup> Seguindo Haggan (2004) e Soler (2007), foram consideradas construção frase verbal tanto as frases compostas como as simples, desde que tivesse a presença do núcleo verbal.

<sup>V</sup> Os verbos nominalizados (forma gerúndio) também foram considerados como frases nominais.

<sup>VI</sup> *It seems safe to say that there is a standard pattern of organization for RAs in political science and sociology and perhaps for other social science disciplines consisting of Introduction-Background-Methods-Results-Discussion, ... The present of such lengthy Background sections can perhaps be considered a distinctive feature of RAs in the social sciences as opposed to those in the natural sciences and might reflect the absence of an agreed theoretical framework and what Bazerman (1988:35) calls "a fixed codified literature". For history RAs, however, the preferred structure is Introduction – a main argument or narrative sections that for convenience will be referred to as Results-Discussion or conclusion ... The distinctiveness of history texts is perhaps related to the discipline's concern with providing accounts of discrete events rather than with the discovery of generalizable patterns.*

<sup>VII</sup> *The absence of a Methods section in most of the history texts is in all probability a consequence of the nature of historical data which, while they may be selectively ignored or emphasized...*

<sup>VIII</sup> O modelo CARS (*Create a Research Space*) diz respeito ao modelo de Introdução do AC postulado por Swales (1990), segundo o qual a *Introdução* apresenta três movimentos retóricos: 1. Estabelecer um espaço de pesquisa; 2. Estabelecer um nicho ou contexto de pesquisa; e 3. Ocupar o nicho, ou mostrar os objetivos da nova pesquisa.

<sup>IX</sup> *"these four sections may be seen as a reflection of an idealized research procedure" ...*

<sup>X</sup> *RAs appear to follow the ideal scientific procedure as closely and precisely as possible so that it is in theory possible to follow the scientists' reasoning throughout the research process, which also implies that the format of RAs would later allow another scholar to replicate the research reported.*

<sup>XI</sup> *What seems most problematic to me in describing RAs according to the IMRD pattern, however, is that the model does not give sufficient attention to variation between the different scientific disciplines, although such variation has been suggested to exist at various levels of linguistic description. It seems to me that the presumption of generic homogeneity where a certain degree of heterogeneity may indeed prevail might also be a factor contributing to the low number of studies (see Holmes, 1997:322) dealing with disciplinary variation in RA discourse structure.*

## 8. Referências

ALLEN, B; QIN, J; LANCASTER, F.W. Persuasive Communities: A Longitudinal Analysis of References in the Philosophical Transactions of the Royal Society -1665-1990. In: **Social Studies of Science**, n. 24, p. 279-310, 1994.

BAKHTIN, M.. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953], 2000.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Shaping Written Knowledge: The Genre and Activity of the Experimental Article in Science**. WAC Clearinghouse Landmark Publications in Writing Studies, 1988. Disponível em: <http://wac.colostate.edu/books/bazermanshaping> . Acesso em 15/05/2007.

BURROUGH-BOENISCH, J. International Reading Strategies for IMRD Articles. In: **Written Communication**, n.16(3), p. 296-316, 1999.

HAGGAN, M. Research paper titles in literature, linguistics and science: dimensions of attraction. In: **Journal of Pragmatics**. n. 36, p. 293-317, 2004.

HOFFNAGEL, J. C. Gêneros discursivos e a universidade. CONGRESSO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL DISCURSO, 6., 2005. **Anais...** Santiago, Chile, 2005. Disponível em: [http://extensionfl.com/linguistica/hosted/6to\\_congreso/vi\\_congreso\\_aled-parte\\_3.pdf](http://extensionfl.com/linguistica/hosted/6to_congreso/vi_congreso_aled-parte_3.pdf). Acesso em 17/05/2007.

HOLMES, R. Genre Analysis, and the Social Sciences: An Investigation of the Structure of Research Article Discussion Sections in Three Disciplines. In: **English for Specific Purposes**, n.16 (4), p.321-337, 1997.

HYLAND, K. **Disciplinary Discourses: Social Interactions in Academic Writing**. Essex: Pearson Education, 2000.

\_\_\_\_\_. Academic Attribution: Citation and the Construction of Disciplinary Knowledge .In: **Applied Linguistics**, n.20 (3), p. 341-367, 1999.

KOSTELNICK, C **Shaping information: the rhetoric of visual conventions**. Southern Illinois University, 2003.

KUO, C. The use of personal pronouns: role relationships in scientific journal articles. In: **English for Specific Purposes**, n. 18(2), p. 121-138, 1999.

LOPES NETO, D.; et al. Análise de títulos de artigos de pesquisas publicadas em um periódico brasileiro de enfermagem. In: **Revista Latino Americana de Enfermagem**.

---

Ribeirão Preto, n. 10 (1), 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em março de 2008.

MACDONALD, S. P. **Professional academic writing in the humanities and social sciences**. Southern Illinois University, 1994.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONIOSIO, A. P., In: MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MILLER, Carolyn R. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. **Genre and New Rhetoric**. London, Taylor & Francis., 1994, p.67-78.

\_\_\_\_\_. Genre as social action. In: **Quarterly Journal of Speech**, n. 70:151-167, 1984.

OZTURK, I. 2007. The textual organisation of research article introductions in applied linguistics: Variability within a single discipline. In: **English for Specific Purposes**, n. 26, p. 25-38.

SOLER, Viviane. Writing Title in Science: An Exploratory Study. In: **English for Especific Purposes**, n. 26, p. 90-102, 2007.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Research Genres: Exploration and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VARTTALA, T. **Hedging in Scientifically Oriented Discourse: Exploring Variation According to Discipline and Intended Audience**. (Doctoral Dissertation). University of Tampere, 2001.. Disponível em: <http://acta.uta.fi/pdf/951-44-5195-3.pdf>. Acesso em fevereiro de 2008.

**ANEXOS**

**Quadro 1 - Referências aos Artigos Científicos de História**

<b>HISTÓRIA</b>			
<b>Periódicos</b>	<b>Ano</b>	<b>Artigo Nº</b>	<b>Referência</b>
<i>História</i> UNESP	2003	01	NAPOLITANO, M. Hoje preciso refletir um pouco: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda 1971/1978. <i>História</i> , 2003, vol.22, no.1, p.115-134.
	2004	02	Cancelli, Elizabeth. A América do desejo: pesadelo, exotismo e sonho. <i>História</i> , 2004, vol.23, no.1-2, p.111-132.
	2005	03	PIMENTEL FILHO, J. E. Incultura e criminalidade: estereótipos sobre a educação da criança, do jovem e do camponês no século XIX. <i>História</i> , 2005, vol.24, no.1, p.227-246.
	2006	04	REICHEL, H. J, BRONICZACK, A. P. S. e EHLERT, D. A história da América Latina na <i>Revista Desarrollo Económico</i> dos anos sessenta do século passado. <i>História</i> , 2006, vol.25, no.1, p.203-225.
	2007	05	OLIVEIRA, M. da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). <i>História</i> , 2007, vol.26, n. 1, p.172-196.
<i>Revista Bras. de História</i> ANPUH	2003	06	CARVALHO, Marcus J. M. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , 2003, vol. 23, n. 45, p. 209-238.
	2004	07	TOLEDO, Caio N. de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , 2004, vol.24, n. 47, p.13-28.
	2005	08	MAUAD, A M. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942), <i>Rev. Bras. Hist.</i> , 2004, vol.25, n. 49, p. 43-75.
	2006	09	DUARTE, Regina H. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , jan./jun. 2006, vol.26, no.51, p.11-24.
	2007	10	POSSAMAI, Zita R. Narrativas fotográficas sobre a cidade. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , jan./jun. 2007, vol.27, no.53, p.55-90.
<i>Revista História Regional</i>	2003	11	FERNANDES, Edson. Família escrava numa boca do sertão, Lenções, 1860-1888. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2003, vol. 8, nº 1, p. 9-30.
	2004	12	SOUZA, Ricardo L. Método, raça e identidade nacional em Sívio Romero. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2004, vol. 9, nº 1, p. 9-30.
	2005	13	CARVALHO, Antonio C. D. Saúde pública: centralização, autoritarismo e expansão dos serviços São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2005, vol. 10, nº 1, p. 9-25.
	2006	14	NABOZNY, Almir. Uma discussão sobre gênero e acesso ao espaço urbano: o paradoxo da participação política cívica e da participação no Estado. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2006, vol. 11, nº 1, p. 7-28.
	2007	15	MONTEIRO, Cláudia. Ferroviários em greve: relações de dominação e resistência na RVPSC <i>Revista Hist. Regional</i> , 2007, vol. 12, nº 1, p. 9-24.

Tempo (UFF)	2003	16	MENDONÇA, Sônia R. Representação empresarial e reforma agrária na “Nova República”. <i>Tempo</i> , jan. 2003, vol. 7, nº 14, p. 153-178.
	2004	17	SALGUEIRO, V. & TELLES, L. T. Entre a tradição acadêmica e o modernismo: a crítica de arte de Antonio Parreiras na Academia Fluminense de Letras. <i>Tempo</i> , jan. 2004, vol. 8, nº 16, p. 115-141.
	2005	18	ROSA, Cláudia B. Retórica e ação política: a complexio no Pro Roscio Amerino de Marco Túlio Cícero. <i>Tempo</i> , jan./jun. 2005, vol.9, nº.18, p.125-145.
	2006	19	ROCHA, Gilmar. “Navalha não corta seda”: Estética e performance no vestuário do malandro. <i>Tempo</i> , jan. 2006, vol.10, nº. 20, p. 133-154.
	2007	20	FERNANDES, J. A. Sobriedade e embriaguez: a luta dos soldados de Cristo contra as festas dos tupinambás. <i>Tempo</i> , jan. 2007, vol.11, nº. 22, p. 98-121.

### Quadro 2 - Referências aos Artigos Científicos de Sociologia

SOCIOLOGIA			
Periódicos	Ano	Artigo Nº	Referência
<i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i> (ANPOCS)	2003	1	CABRAL, M. V. O exercício da cidadania política em perspectiva histórica (Portugal e Brasil). <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2003, vol.18, n.51, p.31-60.
	2004	2	ORTIZ, Renato. As ciências sociais e o inglês. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> Fev. 2004, v. 19, n. 54, p. 5-23.
	2005	3	JASMIN, M. G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2005, vol. 20, n. 57, p.27-38.
	2006	4	LAVALLE, A. G. HOUTZAGER, P. P. e CASTELLO, G. Representação política e organizações civis: novas instâncias de mediação e os desafios da legitimidade. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2006, vol.21, no.60, p.43-66.
	2007	5	SOUZA, Celina. Coalizões eleitorais e ajuste fiscal nos Estados brasileiros. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2007, vol. 22, n. 63, p. 32-167.
<i>Revista de Sociologia e Política</i> UFPR	2003	6	MIGUEL, Luís F. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , jun. 2003, n. 20, p. 115-134.
	2004	7	BARRETO, Álvaro A. B. Representação das associações profissionais no Brasil: o debate dos anos 1930. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , jun. 2004, n. 22, p. 119-133.
	2005	8	MATOS, S.M.S. & DRUMMOND, J. A. O terceiro setor como executor de políticas públicas: ONG's ambientalistas na baía de Guanabara. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , jun. 2005, n. 24, p. 177-192.
	2006	9	SILVA, Ricardo V. Uma ditadura contra a República: política econômica e poder político em Roberto Campos. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , nov. 2006, n. 27, p.157-170.
	2007	10	CARVALHO, Ernani. Revisão e Judicialização da política no direito ocidental: Aspectos relevantes de sua gênese e desenvolvimento. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , jun. 2007, n. 28, p. 161-179.

<i>Sociologias</i> (UFRS)	2003	11	BARREIRA, Irllys A. F. A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2003, n..9, p.314-339.
	2004	12	SOBRAL, Fernanda. Desafios das Ciências Sociais no desenvolvimento científico e tecnológico contemporâneo. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2004, n.11, p.220-237.
	2005	13	OLIVEIRA, F. L. e SILVA, V. F. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2005, n..13, p.244-259.
	2006	14	MARTINS, Rodrigo C. Representações sociais, instituições e conflitos na gestão de águas em territórios rurais. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2006, n..15, p.288-325.
	2007	15	MONTAGNER, Miguel A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2007, n..17, p.240-264.
<i>Tempo Social</i> USP	2003	16	VILLAS BOAS, G. K. Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais. <i>Tempo soc.</i> , abr. 2003, vol.15, no.1, p.45-62.
	2004	17	MICELI, Sergio. Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2004, vol.16, n.1, p.167-207.
	2005	18	RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2005, vol.17, n. 1, p. 81-110.
	2006	19	BERGAMO, Alexandre. Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2006, vol.18, no.1, p.303-328.
	2007	20	JACKSON, Luiz C. Gerações pioneiras na sociologia paulista. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2007, vol.19, no.1, p. 115-130.

### Sobre a Autora

Gerenice Cortes: Professora do Departamento de Estudos Básicos e Instrumentais - DEBI, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Campus Itapetinga - BA. Graduada em Letras, Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Desenvolve pesquisas na área de Análise de Discurso e Estudos do Letramento.

Email. cortesgr@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5407186161806188>